

ENTREVISTA AO DIÁRIO DE SANTA MARIA – 17/11/2009

‘O TCE termina pagando conta que não é sua’

Marcos Rolim, futuro coordenador de Comunicação do TCE

Em sua passagem pela cidade, na quarta-feira, o futuro presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE), João Osório, anunciou ter contratado um santa-mariense para recuperar a imagem desgastada do TCE, principalmente pelas suspeitas ligando seu ex-presidente João Luiz Vargas com a fraude do Detran. O jornalista e ex-deputado estadual e federal Marcos Rolim foi o escolhido para dirigir a Coordenação de Comunicação Social do TCE. Em entrevista por e-mail ao Diário, Rolim, que é professor da Cátedra de Direitos Humanos no Centro Universitário Metodista (IPA) e doutorando em Sociologia na UFRGS, fala sobre como pretende melhorar a imagem do TCE e também sobre sua saída do PT. O consultor na área de segurança pública, especialmente para órgãos das Nações Unidas, ainda comenta sobre o cenário da violência no país. Confira os principais trechos da entrevista:

Diário de Santa Maria – Surpreendeu-o o convite do conselheiro João Osório para assumir a Comunicação Social do TCE?

Marcos Rolim – Sim, foi uma surpresa muito agradável. Durante os dois mandatos que tive como deputado estadual, travamos vários debates, alguns deles bastante duros. Lembro de divergências que tivemos, por exemplo, na área da segurança pública, da política prisional e quanto à reforma psiquiátrica. Então, nunca imaginei que ele fosse me propor o desafio de coordenar a política de comunicação do TCE. Penso, entretanto, que o fato de sempre termos mantido uma postura respeitosa foi muito importante, porque isso não permitiu que nossas diferenças se tornassem um problema pessoal.

Diário – O próprio conselheiro João Osório afirma que o TCE é conservador e uma instituição que não se comunica com a sociedade. Como mudar essa imagem ?

Rolim – O tribunal não existe apenas para apontar eventuais irregularidades cometidas por agentes públicos, mas sobretudo para preveni-las. Há um intenso trabalho junto às prefeituras, por exemplo, que tem exatamente este objetivo. O futuro presidente, conselheiro João Osório, tem razão quando afirma que é preciso divulgar melhor as funções desempenhadas pelo TCE e fortalecê-lo como um órgão de controle.

Diário – É mais difícil trabalhar a imagem de um tribunal, que se desgastou muito recentemente, devido às denúncias envolvendo o ex-presidente João Luiz Vargas?

Rolim – Não acho que teremos maiores dificuldades. Denúncias contra gestores ou figuras públicas têm sido, infelizmente, muito comuns no Brasil. No caso do Tribunal de Contas do RS, o caso que envolve o ex-presidente João Luiz assinala uma novidade. Não lembro de qualquer outra denúncia que tenha

atingido conselheiro ou servidor nas últimas décadas o que, por si só, parece já mostrar uma diferença importante. As denúncias que pesam contra o ex-presidente João Luiz Vargas tiveram, é claro, uma grande repercussão, e o TCE termina pagando uma “conta” que não é sua, mesmo porque nada do que foi dito sobre o ex-presidente envolve qualquer decisão tomada pelo tribunal. Seja como for, a Constituição Federal assegura a todos os brasileiros a presunção de inocência, e essa é uma garantia básica no Estado Democrático de Direito. João Luiz Vargas também a possui, e ninguém tem o direito de esquecer disto.

Diário – Por que se desfilou do PT? Decepção com as posições ?

Rolim – O PT no qual eu militei durante grande parte de minha vida não existe mais. O que restou dele são as lembranças de coragem e dignidade oferecidas ao Brasil. Hoje, o PT é um partido tradicional, assim como o PMDB ou o PTB. Há, é claro, pessoas dignas no PT que sigo admirando. Não posso falar em decepção com as posições do partido, porque o PT não tem posição sobre qualquer coisa importante há muitos anos. Virou um patético conglomerado de interesses, um aparelho para a disputa de poder e divisão de cargos na máquina pública.

Diário – Há pouco tempo, o senhor abriu voto para Marina Silva à Presidência. Por que da escolha?

Rolim – Por vários motivos. Marina possui uma trajetória impecável, que assinala um exemplo de virtude que poucas pessoas podem igualar.

Diário – O senhor tem acompanhado o governo Cezar Schirmer ?

Rolim – Não tenho informações suficientes. Mas espero, pelo bem da cidade, que sua gestão alcance êxito.

Diário – Como um estudioso da segurança pública, como avalia o aumento da criminalidade e o avanço do crack?

Rolim – Não podemos afirmar que a criminalidade tem aumentado. A sensação é esta, mas seria preciso demonstrá-lo com estudos sérios. Não temos estes estudos, porque a base de dados disponível não é confiável e há uma enorme subnotificação. De todos os indicadores que temos, o único que pode ser usado como “termômetro” da violência são as taxas de homicídio. Bem, ocorre que elas vêm caindo no país desde 2004. O RS é um caso à parte e integra o grupo de Estados onde não há política de segurança. Entre nós, os indicadores têm sido muito ruins. Quanto ao crack, vivemos uma epidemia, e a situação é mesmo muito séria. Penso, entretanto, que também esta epidemia irá passar. Seria mais fácil enfrentar o problema, entretanto, se o Brasil tivesse a coragem de tratar o consumo de drogas como um problema de saúde pública, partisse para a legalização das drogas leves e investisse muito em prevenção.

Diário – E a guerra do tráfico no Rio de Janeiro, a ponto de um helicóptero da polícia ser abatido?

Rolim – O episódio do helicóptero foi lastimável pela perda de três policiais, mas assinala também alguns de nossos impasses. Uma polícia que determina um sobrevoo de helicóptero em uma área onde há uma guerra de traficantes com armas pesadas não sabe o que faz. Aliás, a mesma polícia que, na sequência do episódio, mata mais de 50 pessoas; todos, como sempre, jovens, negros e pobres. O escândalo não está no helicóptero, mas no fato de que as polícias cariocas irão matar este ano mais de 1,6 mil pessoas, mais de cinco vezes todas as vítimas fatais que as mais de 20 mil organizações policiais norte-americanas farão no mesmo período. Escândalo, para mim, é ver as imagens de Evandro do Afroreggae, cujo trabalho admirável tive a chance de conhecer, agonizar no chão até a morte, enquanto dois PMs roubam os autores do latrocínio e se negam a socorrer a vítima. Mas, no Brasil, temos visões muito diferentes sobre o que é escandaloso, não é mesmo?

jaqueline.silveira@diariosm.com.br

JAQUELINE SILVEIRA